

MUSICA

Malcolm Sargent e Guilhermina Suggia

em SÃO CARLOS



William Walton, compositor inglês, nascido em 1902, autor da «Sinfonia» executada, na passada sexta-feira, em S. Carlos, com grande êxito, pela Orquestra Sinfónica Nacional sob a direcção do eminente chefe de orquestra inglês Dr. Malcolm Sargent num dos concertos organizados pelo Círculo de Cultura Musical

Se todas as semanas fossem como a que acaba de passar, não se estava mal de todo neste cantinho da Europa, pelo menos para os que fazem sua própria divisa lapidada que certa Associação de Concertos parisiense costumava inscrever nos seus programas: «pode-se viver sem musica... mas menos bem». E não devem ser tão poucos os lisboetas que assim pensam, pois apesar da superabundante chuva e dos min-

quados transportes não deixaram, por exemplo, de encher S. Carlos na noite de quinta-feira. E claro que, com a dupla desculpa do mau tempo e da falta de «taxis», foram ainda mais numerosos do que é costume, se é possível, os retardatários, sujeitando-nos ao vexame de estarmos só uma meia casa para acolher um hóspede ilustre á sua entrada no palco; mas as manifestações apoteóticas com que o saudou, no fim do concerto, uma sala que se enchera literalmente no fim da primeira parte, vieram provar que os que chegaram tarde não o fizeram por mal e que, afinal, os lesados tinham sido eles; que perderam um grande Concerto de Dvorak, precedido de umas Vespas de Vaughan Williams admiravelmente aéreas e espirituosas. Mas estamos a antecipar.

O magno acontecimento da semana foi, pois, a estreia em Portugal do eminente director de orquestra inglês Malcolm Sargent. A realçar ainda tal acontecimento, a solista nesses dois concertos de quinta e sexta-feira — organizados pelo benemérito Círculo de Cultura Musical — era Guilhermina Suggia, a violoncelista internacional, nossa legitima glória e suprema vaidade.

Se nos permite, o dr. Sargent, ladies first. Suggia esteve, nesses dois concertos, soberana como sempre. No primeiro locou, com a orquestra, os Concertos de Dvorak e Saint-Saens. Já lhe tínhamos ouvido ambos, mas os que a escutaram pela primeira vez não esquecerão tão depressa, com certeza, a forma como ela diz o diálogo com o clarinete no 3.º andamento de Dvorak, nem a sua interpretação insuperável dessa coisa deliciosa que é o Concerto de Saint-Saens.

Malcolm Sargent não é o primeiro musico inglês que nos visita (há pouco mais de um ano pudemos admirar a excelente meio-soprano Astra Desmond) mas é o primeiro director de orquestra. E aqui temos mais uma demonstração viva de quanto pode um grande povo a quem se dizem as verdades, sem atenuar, antes exagerando, o que elas possam ter de duro! Por muito tempo os próprios ingleses repetiam e repisavam o mesmo tema: que não eram musicos, que nada tinham que estivesse á altura do que certos países faziam — e vem a propósito lembrar que foi um inglês, sir W. H. Hadow, quem publicou nos fins do século passado, o primeiro ensaio sistemático sobre Música e Crítica Musical, (como introdução aos seus Estudos sobre música moderna) trabalho magistral que terminava assim: «O dia da música Inglesa vem perto. Já se vibrou mesmo o primeiro golpe, e se conquistou a primeira vitória. Vamos a sacudir a indolência mental que se esquivava ao incómodo de uma decisão; vamos a formar nosso juízo com o estudo dos grandes Mestres, e a aplicá-lo a uma apreciação generosa da Arte dos nossos dias... e a nossa recompensa será acrescida do facto de termos contribuído para vencer uma causa nacional».

—Resultado: prepararam-se. E, depois de Elgar, de Parry, de Bantock, vieram Vaughan Williams, Dellius, Arnold Bax, Holst, Arthur Bliss, para não falar senão dos compositores. E quando a Inglaterra não tivesse hoje, como chefes de orquestra, senão Malcolm Sargent, já se podia considerar bastante favorecida.

A autoridade d'este jovem director

é tão incontestável como a sua sensibilidade: Sargent sabe o que quer e quer o que sente. Veja-se como éle plasticizou o desenho melódico na Terceira Sinfonia de Brahms (e não será demais sublinhar a elegancia moral, e artistica da inclusão, no seu primeiro programa, desta obra do grande musico alemão...) como foram caracterizadas as diferentes aparições do tema principal do primeiro andamento, como surgiu e foi valorizada a bela frase de violinos quasi ao fim do segundo, como foram torcidas visíveis certas modulações. O gesto sabe ser amplo, e nele a precisão não exclue a flexibilidade, o que se pôde notar especialmente no bailado do «Perfect Fool» de Gustav Holst, que superiormente fechou o 1.º Concerto, e que era a única novidade absoluta dessa noite. Novidade do máximo interesse que, desgraçadamente, a escassez de espaço nos proibe analisar; o que não pode ficar sem reparo é a tradução «O doído varrido» impressa nos programas e que desvirtua a idéa essencial dessa operinha num acto, concebida como sátira ao «puro simples», ou seja ao Parsifal. Não é porém, no Parsifal que nos faz pensar certo episódio do «Perfeito Idiota» (tal é a tradução exacta), mas sim no «Petrucha» strdivinskiana.

E não é isto lógico? Não há porventura semelhanças entre o ambiente de fantasia das duas obras, por um lado, e, por outro lado, entre a miséria do pobre boneco de Stravinsky e o pobre toito de Holst, o qual atravessa toda a ópera sem proferir uma palavra e sai desse mutismo apenas no final, quando o rei lhe dá a filha em casamento, para articular um único monossílabo: Não!

Mas neste paralelo não se veja, nem de longe, comparação: a personalidade poderosa de Holst afirma-se, aqui como nos Planetas já nossos conhecidos, de modo inconfundível, quanto mais não seja pela orquestração, rutilante ou subtil, sempre infalível. A execução que Sargent obteve da nossa Orquestra Sinfónica Nacional merece, outrossim os

achados de orquestração, é algo laboriosa e por vezes óca.

Nas conhecidas «Variações» de Boellmann revela Suggia quasi todas as facetas do seu génio; já o sabemos, e pudemos constata-lo novamente. Inflexão, sonoridade, exuberancia irresistível, domínio absoluto do instrumento que desaparece perante a arte — tudo enfim. O seu triunfo foi clamoroso, por parte dum publico que não a queria largar e parecia querer exigir-lhe um abis». Um abis! «Shocking!»

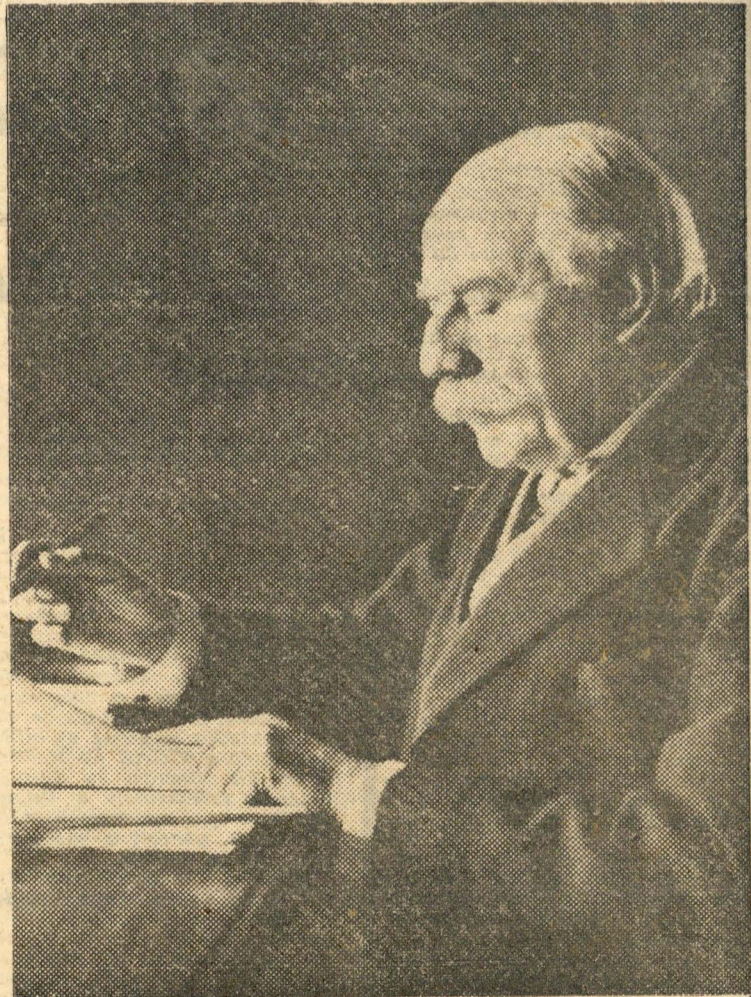
E quando ela, de mão dada com Sargent (que esteve sempre admirável a acompanhar, o que é muito diferente de «seguir»), defrontava a sala que tinha abaixo com ovação, houve momentos de particular emoção...

A «London Overture» de John Ireland, «Ouvindo o primeiro cuco na primavera» de Delius e a «Sinfonia de William Walton completavam este belo programa, as duas ultimas obras em primeira audição.

«O Cuco» de Delius tem o carácter de uma pastoral, é um bonito quadro que pode enfileirar ao lado da «Pastorale d'été» de Honegger ou da «Tarde de verão» de Kodaly.

Musica requintadamente harmónica, não é, está claro, imitativa — o que se prova pelo facto do primeiro clarinete-cuco de soprano passar á tenor, e cantar a segunda vez uma oitava abaixo, ou quasi.

Mencionemos uma viva execução da abertura de Ireland e cheguemos ao «clou» do concerto, a grande Sinfonia de William Walton. Esta sim, que merecia uma análise detalhada. Já reparou — nos perguntava uma conhecida personalidade musical portuguesa — como os ingleses são dotados para escrever esse género tão espinhoso e tão facilmente vulgar que é o «scherzo», ou o que dele faz as vezes? O da «Sinfonia Londres» de Vaughan Williams, o «Mercurio» dos «Planetas» de Holst, este segundo andamento de Walton — e tantos outros! Na verdade, o «Presto» desta Sinfonia é maravilhoso e causou funda impressão, talvez também pela forma transcendente



Sir Edward Elgar, ilustre compositor inglês, cujo «Concerto» para violoncelo e orquestra foi tocado por Guilhermina Suggia com a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo Dr. Malcolm Sargent na noite de sexta-feira no Teatro de S. Carlos, e saudado com entusiasmo

mais incondicionais elogios. Não queremos saber se ela foi conseguida em boas ou más condições, se com muitos ensaios, se com poucos; nem isso é de nossa conta. O critico julga aquilo que lhe foi apresentado, neste caso uma execução digna da obra, isto é, de grande classe.

No programa de sexta-feira, que tinha ainda mais categoria do que o primeiro, Guilhermina tocou o «Concerto» de Sir Edward Elgar, e cremos que o fez pela 1.ª vez no nosso país, pelo menos com orquestra. Os que querem saber o que é tocar violoncelo, devem ouvi-la na passagem em semi-colcheias do «Allegro molto» e no remate desse mesmo andamento! Mas ainda é preciso saber, para avaliar o que ela ali faz, quanto é difficil o ritmo desencontrado, o «stacato», o cromatismo desse passo que nas mãos de Suggia parece quasi ameno. Agora, ouçam-na na frase central do «Adagio», se querem saber o que é uma «artista» e o que ela pode encontrar, extrair e comunicar, numa musica que, embora sempre respeitável e com verdadeiros

te como foi levado. Não gostámos menos, porém, do primeiro «Allegro assai». O «Andante» é porventura o andamento em que melhor se patenteia a originalidade do autor, cujo talento robusto e eminentemente pessoal se desencadeia em catadupas no «Final». Obra de exame, para um director como para uma orquestra. Um braco sincero á Orquestra Sinfónica Nacional que se houve com a maior galhardia, e a nossa admiração incondicional para Malcolm Sargent pela direcção matizada, acentuada e nítida, pela generosidade com que se entregou á obra e pela constante segurança com que a um tempo animou e «domou» a orquestra de Walton nessa obra importante, conduzindo-a ao êxito mais triumphal. Verdade seja que nós, conhecedores do meio, duvidamos que aquelas intermináveis ovações fossem dirigidas, em parte sequer, á composição... Seja como for, gostámos de vêr aquelas seis ou sete chamadas ao autêntico «chefe» que a dirigira, como todo o programa notavelmente.

VI-ANDANTE